

O Verão do Nosso Descontentamento



Opinião
Miguel Coelho

António Lobo Antunes descreveu de forma exemplar os seus verões na Praia das Maças.

“E então no princípio de agosto fomos para a Praia das Maças. Depois de Colares os adeuses tornavam-se impossíveis por culpa do nevoeiro: percebiam-se a custo telhados de chalés e cumes vagos de pinheiros numa bruma desfocada, às nove da madrugada, a nossa mãe, em roupão, vinha ao convés do jardim observar o nevoeiro com um sobrolho de almirante, garantia – Depois da uma levanta – e nós, os filhos, de panamá na cabeça, submersos em cascas concêntricas de casacos de malha, parecidos com os automobilistas vestidos de urso do princípio do século, marchávamos a tiritar, em fila indiana, pastoreados pela criada de nariz roxo de frio, até à praia.”

As expectativas

No início da crise pandémica, era convicção de muitos que, em agosto, a atividade económica em Portugal estaria restabelecida e que milhares de turistas, vindos dos quatro cantos do mundo, fariam filas na escadaria do Elevador de Santa Justa enquanto outros se digladiariam por um lugar ao sol numa qualquer praia de areia dourada do Algarve.

Infelizmente, à medida que o tempo foi passando, fica evidente (para quase todos), em particular para aqueles que têm a responsabilidade de “pagar salários no final de cada mês”, que essa realidade está cada vez mais distante.

A realidade

Para ilustrar a dramática situação que se vive no setor do turismo, considerem-se alguns dos números recentemente divulgados.

Em primeiro lugar, observou-se uma redução drástica do número de hóspedes e de dormidas,

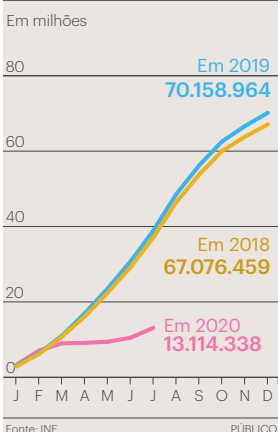


PAULO PIMENTA



Facilmente se conclui que as dificuldades que o sector enfrenta poder-se-ão agravar de forma significativa se não forem tomadas medidas consistentes, à escala europeia

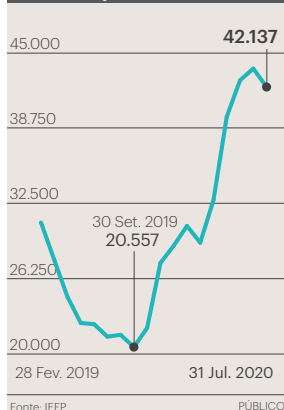
Dormidas por ano nos alojamentos turísticos



registrando-se quedas em julho, face ao período homólogo, de 82,0% e 85,2%, respetivamente (em termos acumulados, e até final de julho, os números apontam para quedas no número de dormidas de 66,3%).

Em segundo lugar, os proveitos

Desemprego no sector do alojamento, restauração e similares



associados caíram no primeiro semestre do ano cerca de 76,9% quando comparados com os do período homólogo.

Por outro lado, o rendimento médio por quarto ocupado caiu em junho, face ao período homólogo, cerca de 23,8%, destacando-se pela

negativa a região de Lisboa, onde a queda atingiu os 42,1%.

De igual forma, a proporção dos estabelecimentos com cancelamentos de reservas agendadas para os meses de junho a outubro de 2020 é significativa (62,8% dos estabelecimentos reportaram cancelamentos, sendo que, no caso dos Açores, esse número atinge os 94,3%).

Por fim, e resultado da quebra da atividade, o número de desempregados no setor do turismo subiu de forma drástica. Com efeito, se em julho de 2019 o número de desempregados inscritos no setor do alojamento, restauração e similares era de 21.423, em julho deste ano esse número era de 42.137 (+96,7%).

Se associarmos a estes números o facto de o setor do alojamento turístico ser, historicamente, um dos setores de atividade menos capitalizados, facilmente se conclui que as dificuldades que o setor enfrenta poder-se-ão agravar de forma significativa se não forem tomadas medidas consistentes, à escala europeia, de defesa de um setor vital para o futuro próximo da economia portuguesa.

Epílogo

“Às onze”, descreve Lobo Antunes, “quando das bandas da serra embuçada em películas cinzentas crescia um bocadinho de castelo a nossa mãe descia à praia, descalçava-se junto à estaca de toldo onde se amontoava um cone de sandálias, abria o *Paris-Match* e perguntava radiante, apontando em triunfo uma nesguita de ameias – Eu não disse que daqui a nada levantava? – distribuindo, a cada um, embalagens de aspirina.”

Tenho a certeza que, tal como na Praia das Maças, o sol voltará a brilhar no setor do turismo.

Contudo, e ao contrário do que transparece do discurso politicamente correto que emana diariamente de alguns jornais e TV (incorretamente comprometidos com tal mentalização), não bastará uma aspirina para nos curar da enorme pneumonia que este setor de atividade apanhou neste verão do nosso descontentamento.

Professor auxiliar na Universidade Lusíada